Elementos da História, Geografia e Cultura do município de Canguaretama

3ª Edição

Francisco Alves Galvão Neto

Elementos da História, Geografia e Cultura do município de Canguaretama

Edição comemorativa dos 150 anos do município.

Francisco Alves Galvão Neto

Canguaretama
1858-2008

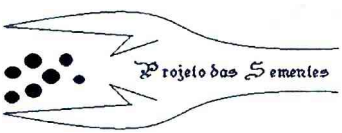
© 2008 By Francisco Alves Galvão Neto.

3ª Edição reelaborada
Especial para comemorar os 150 anos do município.
Projeto das Sementes - 2008

Capa
Bandeira de Canguaretama
Francisco Alves Galvão Neto

Galvão Neto, Francisco Alves
Elementos da história, geografia e cultura do município de Canguaretama. 3ed. Reelaborada. Natal: Projeto das Sementes, 2008, 55 p. 2008. / Francisco Alves Galvão Neto.

1. História. 2. História do Rio Grande do Norte. 3. História de Canguaretama.



Canguaretama 2008

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida sem a permissão expressa do autor.
Artigo 184 do Código Penal e lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

APRESENTAÇÃO

A História de Canguaretama contada em doses suaves e constantes como se apreciássemos um bom vinho. Eis o que nos apresenta Francisco Alves Galvão Neto. Esse legítimo representante da inteligência da terra um dia denominada Penha, sempre está em busca de novas informações sobre a História, seu povo, sua origem, sua cultura, suas lutas, vitórias, derrotas, costumes, riquezas, potencialidades, engenhos, igrejas, fazendas, grutas, rios, praias...

Como sociólogo, historiador e pedagogo ele estuda e cataloga "tudo" sobre sua terra. Todavia é como professor atuante que nos impressiona sua grande paciência em dar aulas àqueles que chegam até ele, sejam alunos formais ou não, isso é o menos importante. O que realmente interessa é a garantia de informações com riqueza de detalhes.

Ora, se o Professor Francisco já fazia e faz tudo isso, então só faltava colocar no papel e eternizar essas informações que, com grande competência, está sendo feito neste *Elementos da história, Geografia e Cultura de Canguaretama*. Um livro leve e solto, linguagem ágil, onde o autor discorre sobre os mais diversos aspectos da História de Canguaretama. Sempre buscando a fidelidade possível dos fatos, será de grande valia para a vida cultural e educacional do município e da região, uma vez que, fatos relevantes narrados têm significados além fronteiras.

Parabéns ao Professor Francisco e toda Comunidade Canguaretamense pela fonte de conhecimento recebida e que outras iniciativas possam enriquecer mais sua cultura, pois, como sabemos, não se pode planejar o futuro se não soubermos como foi o passado.

Luiz Carlos da Silva
Economista.

PREFÁCIO

Este livro foi esperado por muito tempo. Apresenta elementos da história do município envolvendo aspectos históricos, geográficos e culturais. A linguagem simples é proposital para facilitar o acesso de todas as classes ao conhecimento da história local.

É um trabalho em que o autor resume um longo processo de pesquisa, expressando com clareza e precisão a história de um povo. Há claramente a tentativa de mostrar a participação de todos os extratos sociais no processo histórico, fruto da formação marxista do autor.

É um livro destinado a quem deseja conhecer a história do município e principalmente ao uso didático. Seu formato enciclopédico, mesclando história e memória, facilita o uso em sala de aula e à leitura prazerosa.

Para facilitar o entendimento, este trabalho encontra-se dividido em elementos históricos; elementos geográficos e elementos culturais. Além disso, em anexo, apresenta-se um rico resumo dos principais assuntos abordados no desenvolvimento do livro. Há ainda um elaborado acervo de mapas e gráficos para ajudar a outros pesquisadores. Todos os fatos e acontecimentos apresentados formam a descrição sumária e resumida da realidade pesquisada.

Cabe ainda acrescentar que, ao publicar a coletânea de fatos pesquisados, o autor espera poder contribuir para a ampliação de conhecimentos a respeito da história de Canguaretama que, até então, é desconhecida por grande parte da população.

Maria Lúcia Silva Galvão
Especialista em Literatura Brasileira

SUMÁRIO

ELEMENTOS HISTÓRICOS

A Pré-história em Canguaretama 7
Os índios que habitavam a região 8
A presença francesa 11
O Fortim da Barra do Rio Cunhaú 11
A fundação do engenho Cunhaú 12
A Invasão Holandesa 13
O Morticínio do Cunhaú 13
Os beatificados do Cunhaú 14
Jacó Rabi 15
O aldeamento de Gramació 15
Vila Flor 17
André de Albuquerque e a Revolução de 1817 18
O povoado de Uruá 18
A mudança da sede do município 19
Os primeiros habitantes 20
Um nome para a nova vila 21
A Igreja Matriz 22
O Porto da Penha 22
A primeira construção de alvenaria 23
A Guerra do Paraguai 23
A Revolta do Quebra Quilo 24
A Estação da Penha 25
A libertação dos escravos 25
A proclamação da República em Canguaretama 26
A iluminação pública em Canguaretama 26
A praça 27
O cinema 28
A feira livre 29
As principais comunidades 29
A Intentona Comunista 31
A Segunda Guerra Mundial 32
O Regime Militar 32
Desmembramento de novos municípios 33
A Educação em Canguaretama 34
A mulher canguaretamense 36

ELEMENTOS GEOGRÁFICOS
População 37
Características físicas 37
Vegetação 40
Bacias hidrográficas 40
O manguezal de Canguaretama 41

ELEMENTOS CULTURAIS
Principais manifestações folclóricas 44
Principais lendas 48
Toponímia indígena 49
O futebol 50
Hino de Canguaretama 52

SOBRE O AUTOR
BIBLIOGRAFIA

ELEMENTOS HISTÓRICOS

A Pré-história em Canguaretama

Não há trabalhos de pesquisa científica sobre a pré-história de Canguaretama, que sejam amplamente conhecidos. Todas as informações vêm de fontes empíricas e deduções feitas a partir de estudos em outras localidades.

O mais provável é que todo o litoral sul do Rio Grande do Norte tenha sido povoado por volta do ano 10.000 a.C.. Essa população era pequena e pouco conhecida. Vivendo no litoral, se alimentavam principalmente de peixes e crustáceos, mas também coletavam frutos e caçavam pequenos animais. Eram povos nômades ou seminômades que já utilizavam o fogo e viviam em pequenos grupos familiares de 10 a 20 indivíduos. Talvez fossem os mesmos *homens dos sambaquis.*[1]

Foi nessa época que ocorreu a última glaciação, conhecida também como a *era do gelo*. O oceano estava, então, 150 metros mais baixo e recuado pelo menos 1500 metros que o atual. Por isso, muito dos vestígios pré-históricos podem estar submersos nas águas do litoral. Ainda existia, nesse mesmo período, a megafauna[2], com a presença de grandes animais pré-históricos como o bicho-preguiça gigante, o mastodonte e o tigre-dente-de-sabre. No geral, o clima era mais frio e seco, porém, há a possibilidade da existência de

---

[1] Os sambaquis ou concheiros são montes formados por conchas, restos de esqueletos de peixe, de aves, de animais e de humanos, formados entre 10.000 a.C. e 1.500. Essas formações pré-históricas foram mais estudadas no sul, mas podem ser encontradas em todo o litoral do Brasil.

[2] Grandes animais. É possível que essa megafauna tenha resistido um pouco mais no território do Rio Grande do Norte.

uma densa floresta nas margens dos rios, com temperatura e umidade mais altas que no restante do Brasil.

A primeira população pré-histórica teria características físicas diferentes dos índios atuais, eram negróides[3], e desapareceram com a chegada dos indígenas atuais. A etnia tupi tem características físicas diferentes, são mongolóides[4], e chegaram à região por volta do ano 1.000. Possivelmente a ação guerreira do povo tupi tenha dizimado as populações anteriores ou os tenha afastado do litoral. Suspeita-se que o uso de armas, como o arco e flecha, proporcionou superioridade aos tupi[5], que em situações de guerra teriam exterminado os paleoíndios[6].

Há também uma remota possibilidade da etnia *Itararé* ter habitado a região devido a presença de estranhos túneis em vários pontos do município. Esse povo morava em casas subterrâneas cobertas de palhas. Algumas delas eram interligadas por túneis subterrâneos, formando galerias de até sessenta metros de comprimento. Eram antigos habitantes do Rio Grande do Sul, mas que se espalharam em direção ao norte até a época da chegada dos portugueses.

Os índios que habitavam a região

Na época inicial da colonização a região em que se encontra Canguaretama era habitada por indígenas da etnia tupi, o povo potiguar. Eles estendiam seus domínios por todo o litoral da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Segundo os relatos da época da colonização, essa etnia exibia um bom porte físico e altura acima de 1,65m. Eram alegres e

---

[3] Semelhantes aos negros atuais.

[4] Semelhante aos asiáticos atuais.

[5] Conforme a *Convenção para a grafia dos nomes tribais*, de 1953, as denominações indígenas não sofrem flexão de número ou gênero.

[6] Homens da Pré-história americana.

apreciavam a dança, sendo vistos como mais inteligentes que os indígenas que habitavam o interior.[7] Tinham características mongólicas com olhos pequenos e amendoados, orelhas grandes e cabelos lisos; arrancavam os pêlos da barba, pestanas e sobrancelhas. Andavam nus, mas cobriam-se com peles de animais dependendo da época do ano. Pescavam, caçavam, cultivavam a mandioca, o milho e outros vegetais. Com canoas, navegavam os vários rios da região. Entre eles havia a tribo *Paiaguá*, que ocupava a região dos municípios de Canguaretama, Vila Flor, Pedro Velho, Várzea e Espírito Santo.

O escritor Ferreira Nobre diz ter sido um bando de índios *Payaguá* os descobridores do território de Canguaretama, em 1658. Paiaguá parece ser uma tribo lendária de hábeis canoeiros que teria vindo do Paraguai.[8] Em Canguaretama existe a localidade do *Paraguai*, que os mais antigos chamavam de *Paraguá*. Nesse local teria sido fixada a tribo *Paiaguá*. Deveriam falar, então, o guarani, língua semelhante ao tupi. Há notícias que na região de onde vieram os *paiaguá*, na bacia do rio Paraguai, também existiriam os topônimos Cunhaú e Paiaguá.

Outra tribo, denominada *Gramació*, localizava-se na atual cidade de Vila Flor. A aldeia aparece com o nome de *Ramaciot* em um mapa francês, elaborado no ano de 1579. Em 1700, os indígenas teriam recebido uma légua quadrada de terra, possivelmente nesse mesmo local, dada pela Coroa portuguesa. Foi nessa área que se implantou a Missão de Gramació, antes de 1740, onde moravam índios caboclos que falavam tupi, aldeados por padres católicos. Em Baía Formosa

---

[7] Essa suposta inteligência talvez tenha surgido de uma atitude preconceituosa do português que concebia o indígena do interior como pouco amigável.

[8] Acredita-se ser um exagero essa jornada, pois uma viagem assim deveria deixar registros e lembranças.

poderia existir também um núcleo indígena chamado *Aretipicaba,* desde o século XVI.

O índio tapuia[9] também esteve presente em nosso território, pois a bacia do rio Curimataú era área de transição dos territórios de tupi e tapuia. Em épocas especiais, muitos indígenas deixavam o sertão e se aproximavam do litoral em busca de alimentos. Entretanto, a fixação deste segundo grupo ocorreu pela utilização da mão-de-obra barata para os portugueses que possuíam terras no litoral. Não há registro claro da escravidão desses índios, mas é bem provável que este tenha sido o motivo da transferência deles para uma aldeia na região de Canguaretama. A *Aldeia de São João da Ribeira do Cunhaú* foi implantada em 1702, situando-se onde hoje é a localidade de Lagoa de São João[10]. A aldeia era povoada por indígenas da tribo *Canindé*, trazidos do sertão depois de derrotados na *Guerra do Bárbaro*. Esses índios eram liderados pelo *Rei Canindé*.

Em 1787, André de Albuquerque Maranhão[11] pediu aforamento do *Sítio Torre*, que deveria ser o suposto local desse antigo aldeamento. Como havia problemas entre a família Albuquerque Maranhão e os índios que habitavam a região, deduz-se que o ato foi proposital para possibilitar a retirada dos indígenas que não queriam se submeter ao poder do proprietário de terra.

É importante acrescentar que esses índios tinham costumes seminômades, o que faz dessas localizações meras especulações, pois uma mesma tribo mudava de local de acordo com as necessidades. O comum era que se fixassem

---

[9] Também chamado de cariri e tarairiu. Tapuia era a denominação criada pelo povo tupi e usada pelos portugueses no momento inicial da colonização.

[10] Bairro popular bem próximo ao centro da cidade.

[11] O pai do outro André, que participou da Revolução de 1817.

num local por dois anos e, quando escasseavam os recursos, os índios buscavam outro lugar para reconstruir a aldeia.

A presença francesa

Os franceses estiveram pelo território de Canguaretama, mais precisamente no litoral entre Barra do Cunhaú e Baía Formosa. Especialmente no século XVI, eles contrabandeavam madeiras e peles brasileiras para comercializar no mercado europeu. Para isso, tentavam manter um bom relacionamento com os indígenas da região. Em Barra do Cunhaú, chegaram a construir uma fortificação, por volta de 1550.

O *Porto do Francês* é um topônimo característico da presença estrangeira em Canguaretama. Há uma lenda que diz ser o *Porto do Francês* um local onde estaria escondido o ouro usado nas transações comerciais que os franceses faziam na região. Nesse local haveria vários tesouros, sendo alvo de muitas especulações. Entretanto, as transações comerciais feitas com os indígenas eram baseadas no escambo[12], por isso é bem provável que o *Porto do Francês* seja uma denominação mais recente ou esteja muito misturada a outros elementos da cultura popular. O mais provável é que tenha sido um ponto de contrabando de mercadorias do século XIX, pois ficava em lugar estratégico, dentro do manguezal.

O Fortim da Barra do Rio Cunhaú

O Fortim da Barra foi a primeira obra arquitetônica dos europeus em solo potiguar. Sua construção se deu por volta de 1550, quando marinheiros de Dunquerque encalharam na foz do rio Cunhaú. À espera de um resgate, construíram o abrigo. Aproveitado por portugueses e holandeses, esse reduto militar dos séculos VXI e XVII, possuía forma

[12] Comrecialização de uso de dinheiro.

quadrangular e dupla, com muralhas que chegavam a três metros de altura e ficava numa encosta. No local havia dez canhões e dois arcabuzes de forquilha que ficavam num fosso circundado de paliçada, servindo de defesa para o engenho Cunhaú, que ficava a desoito quilômetros de distância.

Durante a invasão holandesa, o fortim foi atacado duas vezes, em 1634. A primeira tentativa em abril, e segunda, que ocasionou sua tomada, em outubro. Depois de muita luta, os holandeses saquearam o local, mas a embarcação naufragou na saída da barra.

O tempo apagou os vestígios do Fortim da Barra. Nem sua localização é possível afirmar com precisão. Ficava à margem esquerda da embocadura do rio Cunhaú, próximo a uma falésia, possivelmente onde foi construída a casa de veraneio de Geraldo Villarim, pois se comenta a existência dos vestígios de uma possível construção antiga nos alicerces. Resta apenas uma lembrança distante da crueldade da luta e das riquezas saqueadas, que virou lenda no imaginário do povo.

A fundação do engenho Cunhaú

O Cunhaú foi o primeiro núcleo populacional e econômico de Canguaretama. O engenho foi construído na sesmaria de mesmo nome, doada por Jerônimo de Albuquerque a seus filhos Antônio e Matias de Albuquerque. A área doada media doze mil e cem hectares[13]. A doação ocorreu em 2 de maio de 1604, mas a construção do engenho se deu por volta de 1607. A sesmaria foi considerada excessiva e sem benfeitorias pela autoridade metropolitana que mandou dividi-la no ano de 1614. Essa divisão nunca ocorreu. Entre 1615 e 1618 saía de Cunhaú a única receita pública da

[13] Cinco mil braças no original.

capitania do Rio Grande, proveniente da produção de aguardente e açúcar. No século XVI, Cunhaú era o centro econômico da capitania e ponto de referência no avanço colonial para a o norte.

A invasão holandesa

De 1633 a 1654, o Rio Grande do Norte esteve sob o domínio holandês, mas a conquista do Cunhaú só se efetivou em 1634. A localização geográfica da capitania servia como ponto estratégico para o fortalecimento do domínio holandês no Brasil. O Cunhaú foi importante por sua potencialidade no fornecimento de alimentos para os moradores de Pernambuco, do que por sua produção açucareira. Outras atividades como a exploração de minas também os interessavam.

No poder, os holandeses deram garantia a quem aceitasse a dominação. Os colonos mantiveram suas propriedades e a liberdade de comércio, mas deviam utilizar os navios holandeses para transportar os produtos. Os que não aceitassem a essa condição seriam obrigados a deixar colônia e seus bens eram confiscados.

Os holandeses deram um tratamento especial aos índios, a quem chamavam de *brasileiros*[14]. Esses indígenas se configuravam como fortes aliados nas lutas contra os portugueses, que sempre tentaram escravizá-los.

O Morticínio do Cunhaú

A versão mais conhecida do Morticínio do Cunhaú aponta para o dia 16 de julho de 1645, afirmando que Jacó Rabi convocou uma reunião para o domingo, aproveitando que todos os moradores estariam presentes à missa. Teria,

[14] Brasilianos.

então, mandado os índios fecharem as portas da igreja para dar início ao assassinato dos 69 católicos presentes à celebração.

Cronistas da época apresentaram múltiplas versões com relação à data e a quantidade de fiéis envolvidos no massacre. O Frei Calado indicou 29 de junho como o dia do massacre, sendo o único a não concordar com o dia 16 de julho.

André Vidal afirmou, em uma carta de 19 de agosto de 1645, que foram assassinados 40 colonos em Cunhaú. Já Nieuhof aponta 35 pessoas executadas, a partir dos dados extraídos do *Relatório de Linge*, o governador holandês da Paraíba. Uma representação dos moradores de Goiana mencionou 37 mortos. Entretanto, Rafael de Jesus e Domingos Loreto Couto apresentaram 69 vítimas, que é a versão que se popularizou.

Entre os que estavam em Cunhaú foram identificados e beatificados pela Igreja o padre André de Soveral e Domingos Carvalho. Mas, além desses, também estavam na celebração a esposa de Gonçalo de Oliveira, um irmão do padre André de Soveral[15] e Domingos Martins. Gonçalo de Oliveira teria escapado com dois ou três outros moradores do engenho.

Documentos apresentados por Alberto Lamego responsabiliza João Fernandes Vieira pelo morticínio, mas parece não haver dúvida de que foi mesmo Jacó Rabi o provocador dos indígenas para o ataque. Quanto às causas de tanta violência, há um intenso debate que converge para os mais variados fatores. O provável é que tenha sido um misto de causas econômicas, políticas e religiosas.

Os beatificados do Cunhaú

O padre André de Soveral era brasileiro, nasceu na Vila

[15] Manoel de Soveral.

de São Vicente, por volta de 1572. Para ser padre entrou na Companhia de Jesus, na Bahia, em 6 de agosto de 1593, onde estudou Latim e Teologia Moral. Em 1606, saiu de Goiana junto a seu superior, padre Diogo Nunes, com destino à Capitania do Rio Grande. Exerceu a função de professor evangelizador dos índios. É bem possível que tenha chegado à Capitania do Rio já pertencendo ao Clero Secular. No Engenho Cunhaú, foi o primeiro padre da Igreja de Nossa Senhora das Candeias, talvez o único daquela época. Não há notícias do ano exato da sua chegada ao Cunhaú, mas em 1614 ele já possuía terras na região e era vigário da Paróquia de Nossa Senhora das Candeias. Falava fluentemente a língua indígena. Os portugueses o descrevem como um ancião de 90 anos na época do morticínio, mas é bem possível que tivesse 73. Foi morto por Jererera, índio potiguar, que possivelmente foi evangelizado com suas palavras.

Domingos Carvalho, ao que parece, era um antigo morador do Engenho Cunhaú. Seu nome foi citado pelo holandês Adrien Van Der Dussem, em 1639, como sendo trabalhador do engenho. Depois do massacre, sobre seu corpo, os índios contaram e dividiram entre si as moedas de ouro saqueadas. Quase nada se conhece a respeito deste homem que foi um dos poucos identificados no massacre.

Jacó Rabi

Jacó Rabi era alemão nascido no Condado de Waldeck. Sobre seu nome há uma séria dúvida, pois foi grafado nas mais diversas formas: Rabe, Rabbi, Rabi, Raby. Barléu escreve, em 1647, *Iohannis Rabbi*, que numa interpretação em português teríamos *João Rabino*. Os outros que escreveram na mesma época escolheram grafar *Jacó*, e não *João*. Marcgrave e Moreau grafam-lhe o nome como Jacob Rabbi. Citar Jacó Rabi

como judeu se tornou popular, mas não há fundamento para tal afirmação. Seu nome apenas sugere essa interpretação, sendo Jacó um substantivo próprio de tradição semítica, muito comum entre os judeus. Rabi seria erroneamente confundido por rabino, e teríamos a perfeita tradução para *Rabino Jacó*. *Rabbi* ou *Rabi* é o mesmo que rabino em alemão e holandês. Entretanto, na Holanda há uma família com o sobrenome de *Raaf* e entre os alemães existe a família *Rabe* ou *Rabbe*.

Jacó Rabi era um homem inteligente, conhecedor da cultura erudita, poliglota, que deve ter sido muito importante aos holandeses. Falava pelo menos os idiomas alemão, holandês, português, tupi e tarairiú, deixando uma crônica famosa, a relação de viagem que contém preciosas informações sobre a geografia da colônia, bem como sobre a etnografia dos tarairiú[16]. Tal crônica foi aproveitada nos trabalhos de Barléu e de Marcgrave. Destacou-se como comandante dos indígenas, sendo reconhecido como a personalidade mais detestada na Capitania do Rio Grande pelos cronistas que descreveram o período de dominação holandesa. Morreu assassinado em 1646, ao que tudo indica, por ordem de Joris Garstman[17] que queria vingar-se da morte de seu sogro.

O aldeamento de Gramació

A mais antiga referência à aldeia de Gramació está num mapa francês de 1579, com o nome de *Ramaciot*. Suspeita-se também que, em 1661, um missionário capuchinho tenha visitado a aldeia num trabalho de evangelização. Em 1700, a Coroa portuguesa teria doado uma légua quadrada de terra

[16] Também chamado de tapuia.

[17] Joris Garstman, comandante do Castelo Keulen, era casado com a Filha de João Lostal Navarro.

para formar um aldeamento organizado pelos missionários Carmelitas da *Reforma Turonense*, que fundaram a Missão de Gramació. Nesse local, onde moravam índios caboclos da língua geral[18], entre 1743 e 1745, o Padre André do Sacramento ergueu uma capela.

Vila Flor

A criação de Vila flor foi propiciada pelo Alvará Régio de 3 de maio de 1755, que determinou a expulsão dos jesuítas da colônia e dava instruções para a organização de vilas e municípios onde existiam aldeamentos dirigidos por missionários[19].

A denominação *Vila Flor* foi uma imposição para que as novas vilas tivessem nomes portugueses, já que a língua tupi ficou proibida a partir de então. No dia 7 de outubro de 1758 foi colocado o pelourinho da futura vila, construído em pedra e cal. Porém, a denominação só foi oficializada em 10 de outubro de 1762.

A instalação da vila ocorreu em outubro de 1769, quando o Dr. Miguel Carlos Caldeira de Pina Castello Branco, encarregado dos aldeamentos da capitania do Rio Grande, presidiu a cerimônia. Com a criação da vila, o poder dos religiosos foi substituído pelo poder civil, ocupando este posto a família Maranhão.

Quando surgiu o Regimento de Cavalaria Auxiliar, formado nos distritos da Vila de Arez, Vila Flor, Tamatanduba e Cunhaú, em 1768, André de Albuquerque Maranhão assumiu o posto de coronel do regimento, exercendo-o até 1806,

---

[18] Tupi.

[19] Seguindo as idéias do Marquês de Pombal, o rei Dom José I transformou todas as missões religiosas em vilas.

quando substituído por seu filho homônimo[20]. A passagem à vila possibilitou ainda maiores poderes aos proprietários de terra, que controlavam a economia, a sociedade e a político.

A criação do município, pelo poder imperial, se deu pela resolução provincial de 11 de abril de 1833 e foi confirmada em 18 de março de 1835. O território primitivo englobava os municípios de Vila Flor, Canguaretama, Pedro Velho, Montanhas e Baía Formosa, medindo pelo menos 800 km^2.

No ano de 1843, foi reedificada da Igreja de Nossa Senhora do Desterro, que estava em ruínas. Entretanto, em 1858, a sede do poder administrativo de Vila Flor foi transferida para o povoado de Uruá.

André de Albuquerque e a Revolução de 1817

André de Albuquerque Maranhão, proprietário do engenho Cunhaú, foi o principal líder da revolução no Rio Grande do Norte. A província se desligou da Coroa e teve um governo republicano, mas em menos de um mês o movimento acabou. André de Albuquerque foi preso e morreu na masmorra da Fortaleza dos Santos Reis, na madrugada de 25 para 26 de abril. Não suportando a notícia, sua mãe também faleceu. O engenho foi confiscado pela Coroa portuguesa, retornando à família após a independência[21].

O povoado de Uruá

Quando a administração pública de Vila Flor foi transferida para o antigo *povoado do Uruá*, a localidade era um pobre arraial onde havia índios que confeccionavam vasos

---

[20] Tinha o mesmo nome do pai, André de Albuquerque Maranhão.

[21] André de Albuquerque Maranhão Arcoverde, sobrinho do líder revolucionário morto em 1817, assumiu o engenho depois do perdão aos revolucionários.

de barro, cuias ornadas, cestinhas de palhas e cordas de embiras. Enquanto era apenas *Uruá*, o lugar estaria somente habitado por índios e negros. Seriam esses índios os remanescentes do Aldeamento de São João da Ribeira do Cunhaú ou dos *paiaguá*.

Uruá pode ter se formado depois que o engenho Cunhaú foi confiscado pela Coroa, em 1817. Até 1822, a propriedade ficou nas mãos do governo e sofreu os mais diversificados saques. Com as dificuldades surgidas, é possível que boa parte dos moradores do Cunhaú tenha se transferido para formar a localidade do Uruá.

A mudança da sede do município

Foi um descontentamento entre Sebastião Policarpo de Oliveira e o padre José de Matos Silva a tradicional razão que explica a mudança da sede da freguesia e do município de Vila Flor para o *Povoado de Uruá*. Sebastião Policarpo era o senhor do engenho Juncal, representante da família Fagundes e do Partido Conservador. José de Matos Silva era o vigário de Vila Flor, Deputado Provincial e dono do engenho Angelim. Ao seu lado estavam o capitão Anacleto José de Matos, seu irmão, e Galdino Álvares Pragana, tabelião local.

A primeira tentativa de transferência ocorreu em 1857, quando o projeto foi aprovado pela Assembléia Provincial, mas rejeitado pelo presidente da província, que não o sancionou por falta *boas razões*. Como o padre era membro destacado do Partido Liberal, que dominava a província, esperou a mudança do presidente para reenviar o projeto ao seu substituto, Antônio Marcelino Nunes Gonçalves.

O projeto foi sancionado e virou lei em 19 de julho de 1858. Dessa forma, *Uruá* elevado à categoria de *Vila de Canguaretama*, passando Vila Flor a um povoado subordinado

ao novo município criado. Na época, em *Uruá* não havia sequer uma igreja e as celebrações religiosas passaram a funcionar em um armazém.

Aparentemente essa transferência teria ocorrido apenas pela vontade de um padre deputado e não há notícia sobre o apoio popular, mesmo sabendo-se que não era comum o envolvimento do povo nos assuntos da política. Só Sebastião Policarpo fez oposição, nada mais.

Entretanto há suspeitas de que a mudança teve outros motivos mais substanciais como a proliferação dos engenhos no vale do Cunhaú e um comércio que se desenvolvia na localidade de *Uruá*. Essas mudanças era resultado de um processo de evolução econômica após a província conquistar autonomia, em 1818.

Os primeiros habitantes

As informações sobre o povoado do Uruá são raras e pouco confiáveis. A maioria dos escritores, usando as palavras de Manuel Ferreira Nobre, afirma que Uruá era *um pobre arraial habitado por negros e índios* na época em que passou a ser vila. Uma boa informação nos trás o escritor paraibano, Antenor Espíndola de Oliveira Lima, contando a história de seu bisavô, Joaquim José de Oliveira Lima, que saiu de Lisboa em 1834, com destino a *Canguaretama*. Chegando a cidade, foi recebido por outro português comerciante do lugar, Antônio de Araújo Lima. Juntos possuíram lojas de tecido e residência no povoado.

Foi por volta de 1860 que começou a chegar uma grande quantidade de imigrantes em Canguaretama. A cana já se instalara com sucesso e daí em diante chegaram muitos portugueses como Francisco Antônio Alves Teixeira, José Maria Jorge de Azevedo, Manoel Antônio de Medeiros, José

de Alpoim, Antonio Rafael e Joaquim Pica-Pau. Fixaram residência e edificaram pequenas casas comerciais na *Rua Grande*. Esses primeiros comerciantes eram identificados como portugueses, mas vieram, ao que parece, de Pernambuco e não diretamente de Portugal.

Um nome para a nova vila

Dizem que o nome de Canguaretama teria sido uma escolha do poderoso André de Albuquerque Maranhão Arcoverde[22], mas foi o frei Serafim de Catânia, andando em missão por *Uruá*, que deu à localidade o nome de *Penha*.

Na Sessão ordinária do dia 22 de junho de 1858, induzidos pelo frei Serafim, a Câmara de Vila Flor oficializou a mudança. Os vereadores aprovaram o nome de *Povoação da Penha* para substituir *Povoação do Uruá*. Dessa forma, *Penha* foi o nome oficial do povoado, muito embora por pouco tempo, apenas 27 dias.

Quase dois anos depois, quando o município já se chamava Canguaretama é que a Lei Provincial de 27 de março de 1860 confirmou nome o nome de *Penha* apenas para a freguesia[23]. Para evitar confusão com a duplicidade da designação do local, foi celebrado um acordo pelo qual o nome de *Canguaretama* restringiu-se aos atos administrativos e civis e o de *Penha* aos eclesiásticos.

Penha sempre foi o nome vulgar da cidade e do município, que perdurou na boca dos mais antigos devido à força da religiosidade. Até hoje ainda existe um reduzido grupo social que se utiliza da denominação para se referir à cidade com saudosismo.

A Igreja Matriz

---

[22] O Brigadeiro Dendé Arcoverde.

[23] Povoação, sob o aspecto eclesiástico. Em última instância, a paróquia.

A construção da Igreja Matriz ocorreu em 1860, quando foi erguido um prédio simples e que não acomodava muita gente. Por isso uma nova igreja foi planejada para o *Sertãozinho*, mas a influência dos *Marinheiros*[24] desfez o projeto. Esses possuíam casas comerciais na *rua Grande* e temiam por seus lucros se a igreja deixasse o centro da cidade. Esse fato deve ter ocorrido por volta de 1875, quando uma grande reforma foi iniciada na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.

O *Padre Ibiapina*, que deveria ser um dos reponsáveis pela obra, não conseguiu concretizar os planos da construção de uma nova Matriz na área mais alta da cidade e teria construído o cemitério onde se ergueria o novo templo. Desta forma a igreja foi apenas reformada. Ao que tudo indica essa reforma só foi concluída em 1900 e deu o aspecto atual do templo.

Ao longo do século XX, muitas reformas foram feitas, sendo a mais significativa a intervenção ocorrida entre os anos de 1964 e 1968, com a retiradada do coro e dos altares laterais, além da construção da laje do teto. Em 2007, o padre Flávio Herculano concluiu a primeira etapa de uma reforma substancial iniciada em 2006.

O Porto da Penha

O Porto da Penha era o principal ponto de exportação e importação de mercadorias no litoral sul da província. Produtos agrícolas, madeiras, sal e pescados eram comercializados através desse porto, especialmente com a província do Pará[25].

---

[24] Como eram denominados os *portugueses*.
[25] Chamada genericamente de *Norte*.

No livro *Breve Notícia Sobre a Província do Rio Grande do Norte*, publicado na segunda metade do século XIX, Ferreira Nobre apresenta a seguinte afirmação: [Nele] *podem fundear barcos de grande calado, porém, muito freqüentado por pequenas embarcações*.

O escritor Manoel Correia de Andrade diz que esse porto teria perdido freqüência em meados do século XX devido ao assoreamento. Mesmo sem a importância econômica, ainda continuou com prestígio social, pois servia como área de lazer da cidade antes de 1970.

A primeira construção de alvenaria no centro da cidade

A primeira construção de alvenaria levantada no centro da cidade foi o sobrado de João Evangelista Pessoa, no começo da *Rua Grande*, esquina da praça Augusto Severo com a rua André de Albuquerque. Era um sobrado, mas não foi possível identificar o ano da construção. Como, em 1877, Ferreira Nobre dizia que Canguaretama possuía *boa casaria*, é bem possível que nessa época o sobrado já estivesse pronto. Na passagem do século XIX para o XX pertencia a José Parente Viana, proprietário dos engenhos Outeiro e Pituaçu. Depois disso, o prédio passou a ser ocupado por Bonifácio Pinheiro da Câmara e, depois, por Mary Boudoux, que fez uma reforma: retirou o sótão, colocou grades nas janelas e um retrato em azulejo de Dom Vital. No início de 2003, foi iniciada outra reforma que descaracterizou o prédio.

A Guerra do Paraguai

Muitos soldados canguaretamenses foram para a Guerra do Paraguai (1865). Entre eles, nos restou os nomes de David Napomuceno, José Ludovico e Raphael Ludovico. Teria voltado apenas David Napomuceno. O escritor Antônio Fagundes

confirma David Napomuceno e cita José e Paulino Ludovico, dizendo também que os recrutados quase todos foram pessoas pobres de Baía Formosa e Barra do Cunhaú. O canguaretamense de maior destaque na Guerra do Paraguai foi José da Costa Vilar foi. Ele era Tenente Coronel da Guarda Nacional e comandou o 28º Batalhão de Voluntários da Pátria no Paraguai. Já maduro quando foi à guerra, sobreviveu e voltou para se dedicar às suas terras.

A Revolta do Quebra Quilo

No Nordeste, o mais importante levante popular do século XIX foi o *Quebra Quilos*. Partindo dos brejos e chapadas da Borborema, o movimento alastrou-se pelo Rio Grande do Norte até Alagoas, no período compreendido entre outubro e dezembro de 1874. Os quebra-quilos surgiram na parte mais sacrificada da região que constituía a periferia econômica e social do Império. Instintivamente parte da população lutou contra o avanço do capitalismo, a serviço do qual se estruturava o Sistema Métrico Decimal. Na época os pesos eram variados e imprecisos e, por isso, o Imperador resolveu reorganizar o sistema de medidas no Brasil. O Sistema Métrico Decimal foi então adotado através da Lei Nº 1.157 de 26 de junho de 1862, posta em vigor em 1º de julho de 1863.

Ocorreram movimentos de oposição às novas regras. O nordestino, desconfiado e acostumado a ficar no prejuízo com as novas leis, resolveu não aceitar as medidas reformadas. Eram as mulheres que tomavam a frente do movimento. Os pesos e medidas eram jogados fora na tentativa de retorno às antigas medidas. Em Canguaretama, a *Nêga Caiá* tomou a frente da rebelião, quebrando os novos padrões, *os pesos*. Era apoiada por *Antônio de Tinda* e *Antônio Peixe*. Foram todos detidos pela polícia. É bem possível que o movimento tenha

sido aproveitado para cometer também atos de vingança contra adversários políticos usando a população mais pobre como escudo.

A Estação da Penha

Os primeiros trens passaram pela Estação da Penha em 1882. A estrada de ferro foi criada pela Lei Provincial nº 682, de 8 de agosto de 1873. O trecho de Natal à Canguaretama só foi aberto ao tráfego em 31 de outubro de 1882. Essa ferrovia, a princípio chamada de Natal Nova Cruz, ganhou o nome de Great Western of Brazil Rail Way Company a partir de 1900. Em 1897, as passagens para Natal custavam 8$100 1ª classe e 4$100 2ª classe. Por bagagens e encomendas de até 15 quilos se pagavam $600. Saindo de Canguaretama às 7h18min, o trem chegava a Natal às 11h. O retorno se dava às 13h15min, chegando a Canguaretama às 16h55min.

No início do século, entre 1908 e 1913, a cidade possuía um serviço de transportes urbanos, a *Companhia Ferro Carril de Canguaretama*. O percurso era feito de bonde à tração animal e troles, com os trilhos ligando o porto à estação. Transportava-se principalmente sal, madeira, açúcar e aguardente, além dos passageiros que serviam-se dos trens da *Great Western*.

Assim como o porto, a ferrovia foi sendo lentamente abandonada com a implantação do sistema de rodovias e a preferência pelo transporte rodoviário dado pelo governo federal após a Segunda Guerra Mundial.

A libertação dos escravos

Os escravos de Canguaretama foram libertos a 4 de março de 1888, dois meses e nove dias antes da publicação da Lei Áurea. Uma sessão solene marcou o evento, que ocorreu

no *salão do Paço Municipal* e contou com a presença das autoridades do município e representantes das cidades de Natal, Goianinha, Nova Cruz e São José do Mipibu. A Câmara de Vereadores compareceu completa à solenidade, que foi animada por três bandas de música. Muitos oradores falaram com entusiasmo sobre o acontecimento que foi finalizado com a assinatura de uma ata para registrar o fato. Ao que parece, os escravos já não representavam vantagens para os proprietários da época e a solenidade serviu apenas para registrar o fato da ausência dos cativos no município.

A proclamação da República em Canguaretama

A solenidade de comemoração pela Proclamação da República ocorreu em 18 de novembro de 1889 no recinto da Câmara Municipal. A sessão foi presidida pelo juiz de direito da comarca, Francisco Altino Correia de Araújo. No evento foram lidas pela *Comissão Proclamadora* as mensagens enviadas pelo Governo Provisório Central e do governador da província do Rio Grande do Norte. Um grande número de autoridades e populares estiveram na sessão e assinaram a ata. Suspeita-se que o movimento republicano em Canguaretama tenha sido iniciado na véspera do acontecimento. Para tanto, foi fundado o Clube Republicano, sendo Fabrício Maranhão seu primeiro presidente. O atraso de três dias nas comemorações foi devido a lentidão nas comunicações da época. A notícia chegou primeiro a Natal, no dia 17, em um telegrama enviado por Aristides Lobo.

A iluminação pública em Canguaretama

A iluminação pública em Canguaretama já existia desde 17 de novembro de 1872, quando o Presidente de Intendência, o Coronel Manoel Joaquim da Costa, criou o Serviço de

Iluminação Pública, feita com candeeiros a querosene para iluminar o centro da cidade. O parágrafo único do artigo 2º da lei nº 4 dizia que nas noites de lua cheia as lamparinas deveriam ser apagadas.

Em 1925 a iluminação pública foi trocada por lâmpadas elétricas, sendo o fornecimento feito por uma empresa privada pertencente a Guilherme Gouveia. Uma caldeira fornecia eletricidade apenas para o centro da cidade. Por volta de 1930 a empresa de fornecimento de energia elétrica já pertencia a Romualdo Francisco Ambrósio. Era um motor movido a diesel que fornecia eletricidade para as casas e iluminava as ruas do centro da cidade. A camada mais pobre não tinha o conforto da eletricidade em seus lares.

Até 1965 a cidade recebia eletricidade apenas nos horários entre 18 e 22 horas, as lâmpadas iluminavam pouco e o preço era alto. Precários postes de madeira faziam a iluminação pública no centro da cidade. Era comum se usar candeeiros e velas de sebo para vencer a escuridão. Ferros à brasa e candeeiros eram utensílios comuns nas residências.

A energia das hidrelétricas só chegou a Canguaretama em 27 de setembro de 1965, através da COSERN. Com a popularização desse tipo de energia, quase todos os lares do município estão eletrificados atualmente.

A praça

Desde o surgimento da Vila de Canguaretama já deveria existir um grande espaço, que foi denominado largo Augusto Severo por volta de 1905. Em 1933 esse largo ganhou um passeio público, quando deve ter recebido o nome de praça. A colocação de assentos de cimento ocorreu em 1939.

No período pós-30 esse tipo de espaço adquiriu força por ser um ponto de encontro para comícios ou reuniões cívicas,

além de exibir padrões de modernidade no município a partir do modelo europeu.

Em 1985 houve uma mudança radical que deu o aspecto atual a praça Augusto Severo. Em 2007 ocorreu mais uma reforma, mas que não descaracterizou os aspectos anteriores.

O Cinema

O primeiro cinema de Canguaretama se chamava *Cine Teatro Conceição* e funcionou desde o início do século XX na praça Augusto Severo. Havia um bom piano para acompanhar os filmes e as peças teatrais. Depois passou a se chamar *Cine Canguaretama*. Foi a época que os filmes *hollywoodianos*, influenciados pelo pós-guerra, passaram a predominar. Durante muito tempo foi propriedade de *Seu Décio*.

O *Cine Luzitânia* foi fundado em 1972 por Geraldo Antônio de Oliveira, no mesmo local. Tinha espaço para pelo menos 200 pessoas sentadas e uma excelente tela de projeção adaptada para servir como palco de teatro. Antônio Domingos da Silva gerenciou os trabalhos até 1984, quando o cinema foi fechado. Na última sessão foi exibido o filme *A paixão de Cristo*.

Outra figura marcante do *cinema* foi *Seu Zé Berto*, que fazia projeções itinerantes pelo município. Em 1994 surgiu o *Cine Plaza*, na rua São José. Não tinha sofisticação, fazia uso de um *vídeo cassete* e atendia a uma classe menos privilegiada. Sua última exibição foi em 1997, com o filme *Matar ou morrer*, estrelado por Van Dame. Por volta do ano 2000, um cinema nesse mesmo estilo apareceu na rua Campo Santo, em frente ao cemitério. A televisão, seguida do videocassete e do DVD, inviabilizaram as salas de cinema da atualidade.

A feira livre

Não se pode dizer com segurança quando começou a feira livre de Canguaretama. O mais provável é que no final do século XIX já existia uma movimentação comercial no largo onde hoje é a Praça Augusto Severo. Quando da construção do Mercado Público, possivelmente em 1910, a feira começou a funcionar dentro do mercado, passando para fora no ano de 1949. O dia tradicional da feira era o sábado, mas passou para o domingo a pedido de alguns comerciantes, em 1984. O retorno ao Sábado ocorreu em 2002. Atualmente a feira livre semanal reúne em torno de 600 feirantes de toda a região.

A feira livre diária na rua Getúlio Vargas começou em 1º de janeiro de 1999, depois de uma tentativa frustrada em dezembro de 1998. Antes a feira funcionava na rua 15 de Novembro, desde 1986. O primeiro feirante foi *Seu Domingos*, que vendia calçados nos dias de pagamento dos aposentados. Em 4 de janeiro de 2005 houve uma modificação que retirou a feira diária da rua Getúlio Vargas, recolocando as bancas na travessa 15 de novembro e ao lado da praça Augusto Severo.

As principais comunidades

Barra do Cunhaú é a localidade mais antiga do município, pois já existia em meados do século XVI e servia de porto para abastecer os franceses com pau-brasil, aparecendo nos mapas do século XVI como *Corimataí*. Na época era comum a presença de franceses no litoral do Rio Grande do Norte. No local foi construído um fortim por marinheiros que estiveram ali encalharam.

No século XVII, *Rolox Baro*, um agente holandês na capitania, escreveu:

> Cunhaú é uma povoação situada à beira-mar, ao norte, entre as capitanias de Paraíba e Rio Grande... O rio é em parte arenoso, em parte lamacento, e o terreno é coberto de florestas...

Nestor Lima, por volta de 1930, quando escreveu sobre Barra do Cunhaú afirmou:

> povoado, a três léguas da cidade, na foz, à esquerda, do rio Cunhaú sobre o Atlântico. Possuía, em 1920, 414 habitantes e 101 casas. [os seus habitantes] Vivem da agricultura e da pescaria... Ali fazem estação de veraneio os moradores da cidade e de outros pontos próximos.

Em Barra do Cunhaú ocorreram vários naufrágios como o de uma embarcação holandesa, em 1634. Há também o registro do naufrágio do navio São João Batista, em 1708, vindo da cidade de Lisboa. Em dezembro de 1724 naufragou o patacho denominado Nossa Senhora das Oliveiras, Santo Antônio e Almas, que transportava escravos.

Hoje, a Barra do Cunhaú se destaca pelo turismo que atrai visitantes de todas as partes do mundo.

A comunidade do Catu surgiu por volta de 1850, quando o Padre Góis doou terras ao longo do rio Catu para os três *irmãos Eleotério*. É bem possível que nessa área estivessem os indígenas do antigo aldeamento da Lagoa de São João. Há também a possibilidade do Catu ter recebido indígenas expulsos de Uruá na formação da vila.

O povoado de Piquiri deve ter se firmado por volta de 1930, ocupando as terras que pertenciam ao engenho Mangueira. Desde 1882, quando a estrada de ferro foi construída, uma parada de trens foi instalada próximo ao rio Piquiri. O local servia principalmente para o embarque de açúcar produzido na região e atraiu alguns moradores das redondezas.

Com o declínio da atividade açucareira, os trabalhadores deixaram os engenhos Mangueira, Macacaú, Boa Vista, Cruzeiro, Outeiro e Cunhaú para morar em Piquiri. O apelido de *Piquiri das Casas* foi para diferenciar do rio Piquiri que servia como balneário. Ficou, então, a denominação de *Piquiri das Casas* apenas para o povoado.

Ozório Chaves ainda tentou cobrar pelas terras ocupadas, mas não conseguiu. Quando a Usina Estivas comprou o engenho Mangueira, os moradores não se retiraram, forçando a doação do terreno do povoado. A versão que aponta Piquiri como antiga tribo não procede, muito embora a área tenha sido ocupada por índios, principalmente nas proximidades da lagoa do Cunhaú.

A Intentona Comunista

Em 1935 os comunistas tentaram assumir o governo no Brasil, num movimento que começou em Natal, no dia 23 de novembro, mas logo foi contido pelas tropas federais. Pouca gente entendia o que estava acontecendo e o que era o comunismo. Dois canguaretamenses estavam envolvidos nesse movimento: os irmãos Arnoud e Oscarina.

Adolfo Fagundes de Oliveira era o chefe da Mesa de Rendas[26] e foi obrigado a dar as chaves do cofre aos integrantes do movimento. Houve também um ataque a fazenda Bom Passar, mas o proprietário, Octávio Lima, não foi encontrado. A intendência, que funcionava onde é a atual Casa Paroquial, foi tomada.

Poucas pessoas permaneceram em suas casas no centro da cidade, pois havia o medo de um confronto entre a polícia e os revoltosos, que estavam bem armados.

A padaria da cidade foi tomada para doação de pães,

[26] Equivalente a coletoria atual.

porém mal sucedida. Alguns comerciantes teriam aberto as portas de suas lojas aos comunistas, talvez pensando em ganhar a confiança e ter participação em um possível governo. Muito dinheiro desapareceu, mas apenas os mais humildes foram presos. Militares da Paraíba vieram para combater os revoltosos e montaram um quartel improvisado no engenho Outeiro.

A Segunda Guerra Mundial

O município era ponto estratégico devido a presença do campo de pouso do Jiquí e o porto da Barra, mas não há estudos sobre o assunto. Os militares possuíram uma espécie de base militar em Barra do Cunhaú. Há rumores da presença de um submarino estrangeiro, além da queda de um avião na foz do rio Cunhaú.

Ernani Hugo Gomes lutou na Itália, tendo embarcado em 22 de setembro de 1944, possuindo a patente de 2º Tenente. O nome de Raul José da Silva, *Capitão Raul*, não consta na relação dos combatentes que estiveram na Itália, mesmo gozando desse prestígio na cidade. Muitos outros soldados foram reconhecidos como ex-combatentes, mas que não chegaram a desembarcar na Itália.

O Regime Militar

O período do Regime Militar (1964-1985) se caracterizou por uma democracia limitada, influenciada pela política mundial bipolarizada entre comunistas e capitalistas, que eram liderados pela União Soviética e pelos Estados Unidos.

No dia 6 de março de 1964, os militares chegaram nas primeiras horas da manhã a Canguaretama. Ocuparam a sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, situado à rua Dr Pedro Velho, retiraram os móveis e confiscaram a documentação

encontrada. A sede da Liga Camponesa, que ficava na rua 19 de julho, foi rapidamente esvaziada.

Pessoas consideradas *subversivas* foram perseguidas. Os acusados foram levados a Natal, interrogados e liberados. *Chico Porém* terminou acusado de ter delatado os companheiros às Forças Armadas. Alguns, como Severino Pinheiro, escaparam. Valdier era quem fazia os discursos mais inflamados e um dos mais procurados pelo Exército, escapou e nunca mais foi visto.

Desmembramento de novos municípios

Pela Lei nº 4, de 10 de maio de 1890, foi criado o município de Pedro Velho, chamado *Vila de Cuitezeiras*, com 238 km² desmembrados de Canguaretama. A criação de uma nova vila parecia favorecer alguns proprietários que enriqueceram com o algodão ao longo do rio Curimataú. Pode ter havido também uma negociação com Fabrício Maranhão para garantir mais votos para a oligarquia Albuquerque Maranhão. Em 1962, o município de Montanhas foi desmembrado de Pedro Velho.

O município de Baía Formosa foi desmembrado de Canguaretama pela Lei nº 2338, de 31 de dezembro de 1958, mas só foi instalado em 17 de janeiro do ano posterior. O novo município ficou com uma área de 290 km², sendo sua criação uma jogada para desestabilizar o poderio político de José de Carvalho e Silva.

O município de Vila Flor foi desmembrado pela Lei nº 3052, de 31 de dezembro de 1963 e instalado no 1º de fevereiro de 1964. O principal interessado na criação desse novo município, de 69 km², foi Paulo Barbalho, deputado estadual, político em Goianinha, que queria garantir um *feudo eleitoral*. Não ocorreu como o planejado e ele não se reelegeu.

A Educação em Canguaretama

A referência mais antiga sobre educação em Canguaretama estaria ligada aos padres carmelitas que constituíram o aldeamento de Gramació no início do século XVIII e devem ter catequizado os indígenas com sua educação religiosa. A partir de meados do século XVIII o ensino passou por mudanças devido a reforma pombalina. A partir de então, a escola saiu das mãos dos religiosos, passando para a responsabilidade do governo. Na prática, o estudo formal passou a existir apenas para os filhos dos donos de terra e alguns homens livres.

As aulas eram dadas por professores particulares. Muitos aprendiam a ler e escrever em casa, com a família. Os mais ricos podiam mandar seus filhos para estudar *fora.* Foi o caso de André de Albuquerque Maranhão, que teria estudado no Rio de Janeiro. Seu sobrinho, o *Dendé Arcoverde*, teria estudado na Europa.

A instituição educacional mais antiga do município é a Escola Estadual Fabrício Maranhão, fundada como *Grupo Escolar Dr Pedro Velho*. Foi instalada por iniciativa particular em 1911, passando para a administração municipal logo depois. Só em 10 de julho de 1913 teve seu decreto de criação sob o nº 286, passando a chamar-se *Grupo Escolar Fabrício Maranhão* e sendo administrado pelo governo do Estado. Seu primeiro diretor foi Matias Carlos de Araújo Maciel Filho.

Em 1950, o município possuía 12 unidades de ensino. No mesmo ano verificava-se que mais de 18% da população era alfabetizada. Na mesma época, foi criada a *Escola Comercial*, semente do tecnicismo, que iria dominar a educação brasileira no Regime Militar.

Em 1967 foi inaugurado o primeiro *ginásio*, a *Escola Cenecista 16 de Julho*. Apesar do atraso cronológico, foi uma

boa escola. É nesta época que também começa a funcionar o primeiro estabelecimento escolar voltado exclusivamente para educação infantil, o *Jardim de Infância Os Amiguinhos*, fundado pela Igreja Católica, com a Irmã Ana Elizabeth, freira católica vinda da Alemanha. A educação continuava elitista, pois essas escolas tinham caráter privado e as iniciativas governamentais foram sempre tímidas.

Uma escola agrícola foi fundada em 1972, mas logo foi fechada. Também em 1972, foi inaugurada a Escola Municipal José de Carvalho e Silva, passando a população a ter uma expectativa de educação melhor. Por falta de mão-de-obra qualificada local, os professores eram trazidos da capital, prática que se estende até hoje.

A partir dos anos 70 a construção de escolas passa a ser uma política comum utilizada pelos governantes, mas sem o devido planejamento. Tal atitude se dava mais pela política eleitoral que pelo melhoramento educacional do município. Muitas escolas foram inauguradas e relegadas ao abandono. Nos anos 80 surge o Ensino Médio sob a égide municipal, passando à responsabilidade do Governo do Estado em 2002.

Nos anos 90 surgiram escolas privadas como o Colégio São José, o MAPA e o Colégio Nossa Senhora dos Prazeres, voltados para a educação da elite municipal. Já a Escola 16 de Julho inicia seu processo de decadência. A política educacional do Governo Federal favoreceu o inchamento das escolas públicas, que estavam mal aparelhadas e os docentes despreparados.

No início do século XXI já surgiu uma perspectiva mais clara e consistente na educação canguaretamense, com a chegada do Ensino Superior, através do curso de Pedagogia da UVA[27]. É uma primeira tentativa real de apoio aos docentes e

[27] Universidade Estadual Vale do Acaraú.

sua inclusão numa educação mais elaborada e voltada à solução de problemas do nosso tempo. Em 2004 surgiu uma nova escola da rede privada, o CEMPA. Há ainda escolas de informática e de línguas e uma duas escolas com cursos técnicos. O Ensino Superior oferece os cursos de Pedagogia e História, além de uma pós-graduação em Educação.

A mulher canguaretamense

A mulher de Canguaretama nunca teve grande destaque, nem a valorização devida. Canguaretama sempre foi terra de homens. Uma poesia antiga, de autor desconhecido, mostra isso:

Santo Antônio é curral de miséria
Goianinha passa fome
Canguaretama não tem mulher
Pedro Velho não tem homem.

Até o ano 2000, entre todas as ruas do centro da cidade só uma possuía nome de mulher, rua Princesa Isabel; na Areia Branca a rua Nossa Senhora da Conceição; em Piquiri as ruas Olívia de Sousa e Carolina Shuller da Rocha; na Barra do Cunhaú a rua Maria Canoa.

A referência mais antiga de uma atuação feminina na sociedade canguaretamense é de *Negra Caiá*, que chefiou um movimento de protesto na cidade. Foi a *Revolta do Quebra Quilo*, 1875, encabeçada e feita pelas mulheres contra as novas medidas em sistema decimal que se estabeleciam no Brasil. Na época, as mulheres se limitavam a ser professoras, se não quisessem ser apenas mães e donas de casa.

As primeiras vereadoras foram as irmãs Gasparina e Guacira Nobre, eleitas em 1954 pelo povoado de Baía Formosa, que fazia parte de Canguaretama na época. A mulher canguaretamense foi bem representada pela dona de

casa, ao lado do marido, a que tecia a palha da carnaúba, que dava formas ao barro, a beata, a rezadeira, a parteira. Todas elas tiveram sua parcela na construção da nossa identidade. Porém, a professora foi o grande marco feminino na cidade.

ELEMENTOS GEOGRÁFICOS

População

Canguaretama possui 29.334 habitantes[28] numa área de 246 Km^2. De acordo com o Censo de 2000, havia 27011 habitantes, o que representava 0.97% da população e 0,53% do território do Rio Grande do Norte. Com 62,7% da população ocupando a área urbana do município, os habitantes do sexo masculino representam 50,2% do total geral, com apenas 111 indivíduos a mais. 65,5% da população é alfabetizada, ficando abaixo da média estadual que é de 76,3%. Uma projeção populacional dava para 2005 uma população de 30.000 habitantes. A densidade demográfica atual está calculada em 119,24 hab/km^2

Características físicas

A sede do município fica a 79 km da capital, 65 Km em linha reta no rumo NNO. A altitude média é de 5 metros em relação ao mar com poucas variações. Duas rodovias asfaltadas cortam o município: a BR 101 e RN 269.

Canguaretama está localizada na mesorregião Leste Potiguar, junto com outros 24 municípios, e na microrregião

[28] IBGE, Recontagem de 2007.

Litoral Sul, junto a 9 municípios. As coordenadas geográficas[29] da sede do município são as seguintes: 06° 22' 48" S e 35° 07' 44" O[30]. O município de Canguaretama limita-se ao Norte com Espírito Santo, Goianinha, Tibau do Sul e Vila Flor; ao Sul Baía Formosa e Mamanguape[31]; ao Leste com o Oceano Atlântico; e ao Oeste com Pedro Velho.

O clima preponderante é o tropical úmido com temperatura média anual de 27,5ºC. Entre os meses de maio a julho as chuvas são abundantes e vão rareando a partir de agosto, com bastante vento em setembro. A precipitação pluviométrica atinge níveis médios anuais de 1341mm. O mês mais quente é janeiro e o mais frio é julho. Devido à alta umidade do ar, 79%, a amplitude térmica é baixa. Ao longo do ano as temperaturas geralmente variam entre 25 e 30ºC.

O relevo da região é representado por três características básicas: colinas suaves com altitude de até 100 metros em relação ao nível do mar, constituídas predominantemente por sedimentos areno-síltico-argilosos e raramente carbonáticos; superfície plana com altitude inferior a 40 metros, formada por coberturas areno-quartzosas; e superfície aluvial no vale do rio Cunhaú. Geologicamente o solo de Canguaretama é classificado como do grupo barreiras, com idade do Terciário-Superior.

O município tem duas grandes povoações: Piquiri, ligada à agropecuária, e Barra do Cunhaú, ligada à pesca, mas que devido a sua orla marítima atrai muitos visitantes. Nessa povoação o turismo tem tomado grande impulso.

---

[29] Averiguação feita em agosto de 2000 com aparelho GPS, a posição do centro da cidade é: 264344/9294186 em UTR,

[30] Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Canguaretama> Acesso em 10 de fevereiro de 2008.

[31] Município paraibano.

O IDH do município ficou em 0,600, segundo PNUD de 2000. Dados de 2003 do IBGE indicam um PIB de R$ 62.675.478,00 e um PIB per capita de R$ 2.187,78.

O município ainda não desenvolveu a indústria e depende do setor primário. Entre as atividades econômicas destaca-se a cana-de-açúcar e a criação de camarão. Na agricultura de subsistência, os principais produtos são a mandioca, batata doce, feijão, milho e hortaliças[32].

Na pecuária ocorre a criação em moldes tradicionais. O rebanho bovino fica em torno de 1500 cabeças[33], representando apenas 6% do total da microrregião do Litoral Sul.

Na piscicultura há uma grande oportunidade de desenvolvimento, mas os grandes criadores de camarão estão se recuperando de uma crise e a atividade está em recuperação. Dados mostravam que em 1997 havia 12 fazendas produtoras de camarão marinho. Estima-se que a atividade ocupe 800 hectares e produzia 800 toneladas anuais.

A pesca artesanal é um meio de sobrevivência para as famílias pobres, mas a atividade está muito prejudicada. O caranguejo, produto de destaque da cidade, encontra-se em perigo de extinção devido à pesca predatória e a agressão ambiental ao estuário do Cunhaú.

Na área terciária há uma grande variedade de estabelecimentos comerciais, sendo a maioria situados no centro da cidade. O setor que mais cresce é o setor de hotelaria, impulsionado pelo turismo em Barra do Cunhaú, onde há cerca de 30 pousadas e restaurantes.

O comércio é umas das principais fontes de renda do

---

[32] Os dados sobre a atividade de subsistência são irregulares.
[33] Censo Agropecuário de 1996.

município. O centro da cidade conta com boas lojas que atraem clientes de toda a região. Há uma feira livre no centro, onde se concentram pelo menos 500 feirantes, e outra em Piquiri, que acontecem respectivamente no sábado e domingo. Além dessas, há também feira permanente no centro da cidade com aproximadamente 200 ambulantes.

A cidade possui uma rádio, a Manguezal FM, que opera na freqüência de 104,9 MHz. A população é servida duas empresas de transportes de passageiros e vários transportes alternativos, além dos mototaxis.

A cidade dispõe do Hospital Regional Getúlio de Oliveira Sales e uma Clínica Particular. As comunidades maiores possuem postos de saúde mantidos pelo governo através do SUS. Há também dois laboratórios de análises clínicas e um consultório odontológico.

A vegetação

A vegetação é bastante diversificada, predominando a floresta tropical denominada Mata Atlântica. Nesse ecossistema a biodiversidade é extremamente alta, com a vegetação transitando entre o tabuleiro e o manguezal, passando por áreas aluvionares onde ainda restam carnaubais.

Bacias hidrográficas[34]

Bacia do Cunhaú: O principal rio é o Cunhaú que tem seu início nas proximidades da BR 101 e desemboca na Barra do Cunhaú. Devido às mudanças em seu curso, o rio Curimataú, que nasce na Paraíba, deságua no rio Piquiri próximo a BR 101. São seus afluentes[35]: Piquiri, Pituaçu, Ereré, Caraú, Prata,

[34] Alguns rios e lagoas foram descaracterizados nos últimos anos.
[35] Na região do baixo Curimataú.

Juliana, Paul, Jiquí, Bela, Outeiro, Pirarí, Macacaú, Rio da Bomba, Trairí, Garatuba, Camuaçu e Camamirim.

Bacia do Catu: o principal rio é o Catu, que nasce num tabuleiro ao norte do município e encontra foz na localidade de Sibauma. São seus afluentes: Pai Mateus, Maxixe, Marajá, Olho d'Água, Catuzinho, Carrapato, Galhardo e Gramació.

Bacia do Guaju: o principal rio é o Guaju. Passa por Canguaretama e Baía Formosa, onde encontra o mar. Recebe as águas dos rios Uriuna, Uriuninha, Marcos e Pau-brasil.

Lagoas: lagoa do Tacho e lagoa do Maxixe.

Açudes: açude do Outeiro e açude do Cruzeiro.

O manguezal de Canguaretama

O manguezal de Canguaretama[36] ocupa em trono de três mil e duzentos hectares e seus principais rios são o Cunhaú, o Piquiri e o Pituaçu. Além dos rios há um incontável número de camboas, que são córregos que brotam dentro do próprio manguezal, e se tornam afluentes de um curso d'água maior. É bem possível que no século XVI, quando chegaram os primeiros europeus à região, o manguezal de Canguaretama ocupasse uma área três vezes maior que a atual. A cana-de-açúcar, que ocupou primeiramente os vales, foi a atividade econômica que iniciou a devastação em áreas menos atingidas pelas marés. No final do século XIX, as salinas ocuparam boa parte do manguezal nas áreas mais próximas ao mar. Os rios e camboas serviam como vias de transporte.

O manguezal é muito importante para a economia da região, além de servir como um controlador das condições climáticas. Por ser um local onde muitas espécies marinhas costumam procriar, o manguezal concentra muitas espécies de peixes e crustáceos. Isso faz com que a feira de peixe em

[36] Canguaretama e Baía Formosa.

Canguaretama seja reconhecida como uma das melhores. Aproveitando um solo naturalmente impermeabilizado, no final do século XIX e início do século XX, foram construídas várias salinas às margens dos rios que formam o manguezal, notadamente o rio Pituaçu. Nessas mesmas salinas eram comuns os viveiros de peixes, principalmente a tainha. Essas atividades foram de extrema importância para a economia do município.

Segundo informações empíricas, as fazendas de criação de camarão ocuparam e ampliaram as áreas das antigas salinas, criando emprego e renda para a população, mas teriam causado perdas na área do manguezal. Já os dados de algumas entidades mostram que as áreas das antigas salinas não foram ampliadas e ocorreu o aumento do manguezal.

Desde o início das atividades de carcinicultura, os pescadores artesanais reclamam do declínio da produtividade de seu trabalho. Esse declínio pode estar diretamente ligado à redução da área do manguezal, mas também deve ser acrescentada a técnica predatória de pesca. Além disso, há uma constante invasão de pescadores que vêm de outras localidades para pescar em Canguaretama.

O camarão criado em cativeiro já começa a ser comum[37] no mangue, mas não se tem certeza se são apenas os que escapam dos viveiros ou se já se adaptaram ao ambiente e completaram o ciclo reprodutivo. Não existe estudo conhecido sobre esse assunto, constituindo-se em um tipo de mudança que pode provocar problemas ainda não mensuráveis ao manguezal.

Como não há estudos que comprovem a influência negativa dos resíduos da atividade carcinicultora no manguezal de Canguaretama, a principal acusação cai sobre os

[37] Informação dada por pescadores.

esgotos domésticos que são despejados na bacia do Cunhaú. Uma análise feita pela Universidade Potiguar-UnP, em agosto de 2002, mostrou um alto índice de coliformes fecais no rio Pituaçu, na altura do *Porto*. Segundo a análise, a água é imprópria para o consumo, banho e pesca. Essa poluição também prejudica o comércio de camarão, que sofre restrições na exportação por não ser produzido em condições adequadas.

A única saída é o investimento em saneamento básico acompanhado com a educação ambiental. Quanto ao problema da baixa produtividade da pesca artesanal, seria importante diversificar os produtos com investimentos em novas tecnologias, como a criação de ostras e aproveitar o potencial vegetal do manguezal com a implantação de apiários administrados pela Colônia de Pescadores do município.

Existe uma enorme variedade de plantas nos manguezais, porém as principais são denominadas simplesmente de mangue. São quatro os gêneros de mangue catalogados no Brasil: Mangue vermelho, gênero *Rhizophora*; Canoé, gênero *Avicennia*; Mangue manso, gênero *Laguncularia*; Mangue de botão, gênero *Conocarpus*. No manguezal de Canguaretama, segundo a tradição oral, existem os seguintes tipos de mangue: sapateiro, branco, canoé, ratinho, manso preto, manso branco e de botão.

ELEMENTOS CULTURAIS

O território de Canguaretama é habitado desde os primórdios da colonização, recebendo a influência direta dos portugueses. Além desses, foi comum a presença de índios

tanto da etnia tupi como dos tapuia. Devido a economia açucareira, a presença dos negros africanos foi uma das mais fortes do Rio grande do Norte. Influenciada pela miscigenação, a cultura do município ganhou muito, produzindo um folclore diversificado e autêntico.

Com o passar dos anos e as modificações na sociedade, esse folclore também se modificou ou foi suplantado. Muitos grupos não existem mais, como é o caso do Pastoril, da Lapinha, do Maneiro Pau, do Pau Furado e do Boi de Reis. Outros correm sérios riscos de desaparecer, como a Chegança e os Blocos de Índios.

Havia também manifestações folclóricas carnavalescas como o Le Urso, o Peixe, o Macaquinho e os Papangus. Com a concentração dos carnavais nas praias e a propagação dos trios elétricos, essas manifestações populares perderam força.

Principais manifestações folclóricas

O Fandango é uma apresentação popular de origem ibérica que se inspira nas grandes aventuras marítimas dos portugueses. No Brasil surgiu no século XVIII e no Rio Grande do Norte no início do século XIX. O grupo é formado por uma tripulação de aproximadamente quarenta componentes, entre oficiais e marinheiros. O enredo principal desenvolve-se em torno da *Nau Catarineta*, que é atacada por uma tempestade e vaga durante sete anos e um dia. Perdida e faminta, a tripulação passa a comer sola de sapato e, através de um sorteio, o comandante do navio é escolhido para ser transformado em alimento para os marujos. Durante o momento da aflição acontece um milagre e a tripulação avista terra.

O Fandango de Canguaretama surgiu por volta de 1885, trazido do Pará, por *Seu Tota*, morador da *Rua da Gameleira*.

Possivelmente em 1910, foram introduzidas outras partes[38] trazidas da Paraíba. Anteriormente existia um Fandango em Vila Flor, mas esse acabou, surgindo o de Canguaretama.

O Fandango era apresentado nas festas de *fim-de*-ano. A primeira apresentação ocorria sempre na festa de Nossa Senhora da Conceição e se estendia até a festa de Santos Reis. Os personagens são marinheiros que cantam e dançam ao som dos instrumentos de cordas, distribuídos em duas filas: Capitão de Fragata, Mestre, Gajeiro, Ração e os Marujos na fila da direita; Piloto, Contramestre, Calafate, Vassoura e os Marujos na fila da esquerda. Apenas o Capitão de Mar e Guerra fica no centro e por trás de todos. A apresentação se faz com uma barca, a Nau Catarineta.

A princípio eram usados apenas o violão e o cavaquinho, sendo introduzido o banjo em 1953, tocado por Paichicú. Atualmente houve a introdução de um contra-baixo elétrico.

A Chegança é outra apresentação popular da época de *fim-de-ano* e muito semelhante ao Fandango pela indumentária dos participantes que representam cenas marítimas, culminando pela abordagem dos mouros, que são vencidos e batizados. Tradicionalmente se diz que a chegança no Rio Grande do Norte teve sua primeira apresentação em 18 de dezembro de 1926, no Teatro Alberto Maranhão. Entretanto, as fontes orais apontam Luís Mendes como o primeiro mestre da Chegança, apresentada por volta de 1915, na localidade de Barra do Cunhaú.

A Chegança é brincada com uma Barca de barro fixa no chão. Os marujos saem com um pequeno barco na mão e cantam pelas ruas avisando o início da festa. As jornadas e o número de participantes é maior que no Fandango, demandando um período de até sete horas para serem

[38] Músicas.

cantadas. O elemento cômico do espetáculo está representado nas pessoas do Ração e do Vassoura. O acompanhamento musical restringe-se a instrumentos de percussão.

O Coco de Roda é uma dança muito rica em poesia, ritmo e expressão corporal. Muitos afirmam que a mesma é de origem afroameríndia. O Coco de Roda é vibrante e impetuoso como todas as danças de negro. Quanto ao ritmo sincopado seguido de passos laterais ora para um lado ora para o outro, são típicos das danças indígenas. Seu surgimento deve estar ligado a grande quantidade de negros e índios na região. Por ser uma dança coletiva e democrática não tem hora para começar nem para terminar, pode ser dançada com qualquer roupa, calçado ou com os pés descalços. Entretanto, como possui muita expressão corporal, é mais cômodo dançar com roupas leves e pés descalços.

As mulheres geralmente dançam com saia rodada de tecido de algodão estampado e blusa com babados no decote. Os homens usam calças de tecido liso de algodão, arregaçadas até o meio da canela e camisa que pode ser de qualquer cor, lisa ou estampada, geralmente de mangas curtas.

A dança é acompanhada pelas palmas dos dançarinos e por instrumentos de percussão, especialmente o zabumba e o ganzá. Coco de Roda de Canguaretama é formado por aproximadamente vinte participantes. Os dançarinos exibem suas virtuosidades coreográficas indo ao meio do círculo. Os *cocos*, de estrofes tradicionais ou improvisadas, se caracterizam por um estribilho curto, repetido incansavelmente pelo grupo enquanto dança. O tirador de coco é a pessoa que canta e improvisa os versos no meio do círculo, sendo o refrão cantado pelos outros participantes.

Outros cocos também existiam em Canguaretama, como o Zambê, Maneiro Pau e Pau Furado.

O Pastoril é uma dança teatralizada, executada com duas alas de pastoras, azul e encarnado. À frente dos cordões estão a Mestra (encarnado) e a Contramestra (azul), seguidas, cada uma, de um número variável de pastoras, cujos nomes apresenta sua posição nos cordões: Segunda do Azul, Quarta do Encarnado, ou à tradição das Lapinhas: Estrela do Norte, Cruzeiro do Sul, Cravina, Libertina, Cravo, Lírio, Rosa, etc. Entre os dois cordões dança a Diana, mediadora das rivalidades entre os mesmos, vestida de azul e vermelho, o *Velho*, responsável pela transformação do Pastoril tradicional religioso num folguedo profano, o *Pastorzinho*, surgido da Lapinha e a *Borboleta*.

A Lapinha é uma encenação caracteristicamente religiosa. Tem a mesma formação em alas do Pastoril, com repertório de jornadas inspiradas em motivos natalinos. Não há a figura do irreverente *Velho*, mas de um *pastorzinho* e as pastoras vestem-se discretamente. Integram a orquestra o violão, cavaquinho e pandeiro, podendo variar com o uso de acordeão.

O Bloco de Índios de Canguaretama costumava brincar apenas no carnaval. Os participantes vestiam-se com agave e penas e saíam pelas ruas formando duas alas num ritmo vibrante e sincopado. Seus instrumentos eram o tambor, o agogô, a flauta e um grande búzio. Entre duas alas, com mais de 15 integrantes, ficavam o chefe, a porta bandeira e o caçador. No final da tarde faziam uma encenação em praça pública.

Principais lendas

A lenda da Ressuscitada do Cunhaú é uma narrativa sobre uma senhora que morreu de parto. Reaparecendo, diz que foi assassinada pela família depois de um ato de infidelidade que cometeu no casamento.

Um bode de ouro e muita riqueza é o que aparece na lenda da Gruta do Bode.

Diz uma lenda que existe uma baleia encantada debaixo da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Essa baleia despertaria de seu sono se alguém retirasse a imagem de Nossa Senhora do altar. Os movimentos do cetáceo abriria um grande rio que inundaria a cidade.

Segundo uma lenda, haveria na lagoa do Tacho um imenso tacho de ouro que brilha intensamente nas noites de lua e céu limpo.

O Pai do Mangue é um ser misterioso que assume forma humana para castigar quem pesca em feriados religiosos ou pronuncia palavrões no manguezal.

No Outeiro aparecia um demônio fumando nas bordas do bueiro. Para espantar esta aparição, os missionários instalaram no local o sino e a cruz trazidos do Cunhaú.

Dona Fulôzinha é a protetora dos animais contra os caçadores. Persegue cães e caçadores, dado-lhes surra de cipó.

O Caranguejo Garrancho é o *rei* dos crustáceos do manguezal. Aparece apenas na sexta-feira da Paixão. O pescador que o encontra tem boa sorte pelo resto da vida.

O Batatão é uma bola de fogo que assombra os pescadores dentro do manguezal.

A lenda das marcas de sangue nas paredes da capela de Nossa Senhora das Candeias, que teriam sido deixadas pelo padre André do Soveral desde o morticínio ocorrido em 1645.

Nas matas próximas ao Catu teria vivido uma índia que cometeu incesto com seu próprio filho. O recém nascido foi devorado pela mãe e o irmão.

Haveria no Cunhaú um coqueiro tão alto que podia ser visto em Canguaretama. Esse coqueiro teria sido plantado sobre o corpo de um escravo, enterrado vivo por Dendé Arcoverde.

Toponímia indígena

Canguaretama, de *caá-guá-retama*, é palavra do vocabulário tupi. *Caá*, que significa mato, *gua*, vale e *retama*, pátria, região, país, terra. A tradução *no vale das matas, onde há muitas árvores*, segundo Câmara Cascudo, é compartilhada por Antônio Soares. Para os indígenas poderia significar *Vale da Abundância*.

Há a sugestão de *Cangatetama*, de *canga*, coco, núcleo seco, osso enxuto, e *tetama*, dando terra dos coqueiros ou região seca, segundo o *Vocabulário Tupy-guarani* de Batista de Castro. Como Canguaretama sempre foi uma região úmida e o coco foi trazido pelos portugueses, essa denominação é pouco provável. Terra das cabeças, de muita gente, também é possível.

Pode ser ainda pedra de sal, segundo Matias Maciel e aferido por Câmara Cascudo, que disse ser etimológicamente possível. A extração de sal na região sempre foi conhecida, mas é pouco provável que os índios usassem o sal marinho e criassem essa denominação.

Marcgrave, em seu mapa de 1643, escreve *Caraguataçanga*, ramal ou florescência do gravatá. O filósofo holandês Johannes van Kooten Niekerk, vendo o nome a partir das antigas línguas européias, disse que o nome Canguaretama poderia significar *restos de minas*. Para isso

assegurava a existência de indícios históricos da exploração mineral na região.

Diz Alcides Sales que o significado é Terra das Vasilhas, coisas que os habitantes de Uruá sabiam fazer bem. Pode ser também Terra dos Esqueletos, *cangüeratetama*, talvez referência ao Morticínio do Cunhaú, quem sabe a verdadeira lembrança feita por Dendé Arcoverde.

O topônimo Cunhaú foi dado pelos colonizadores e, segundo Câmara Cascudo, é de origem tupi, significando *bebedouro, aguada das mulheres*. Na verdade, esse topônimo foi absorvido da lagoa do Cunhaú, que já aparecia na cartografia do século XVII. Esse mesmo nome passou a ser usado também para designar a foz do principal rio do vale, a Barra do Cunhaú.

Catu são as coisas boas, também escrito na forma *icatu*.

Curimataú é rio das curimatãs, peixe de água doce.

Golandí é o que dá azeite, madeira oleosa, pau-de-óleo, a árvore *Colophyllum brasiliensis*.

Gramació é onde a caça é cercada. Também escrito como *Igramació*.

Jiquí é a armadilha de peixe, covo.

Macacaú é lugar dos macucos, ave não comum na região.

O topônimo Piquirí foi traduzido da linguagem tupi por Câmara Cascudo como sendo *rio dos peixinhos*, mas há controvérsias, pois pode significar *rio dos pequis*.

Pituaçú é camarão grande.

Uruá significa boca aberta.

O futebol

A primeira equipe esportiva a se oficializar foi o Canguaretama Futebol Clube, em 1948, mas, na mesma época, também já existia o Palmeiras e o Botafogo, que são os times

mais antigos. O futebol já era praticado desde a década de 20, mas tomou maior impulso depois da Segunda Guerra Mundial. Havia apenas pequenos torneios e partidas amistosas entre as equipes existentes na cidade ou com equipes de fora.

Em 1972 ocorreu o primeiro campeonato municipal reunindo algumas equipes. Devido a falta de recursos, as equipes foram obrigadas a jogar descalças. Não houve troféu para o vencedor e a equipe do Canguaretama não quis participar. Só a partir de 1981, é que outros campeonatos municipais foram organizados com a participação do poder público, mas não ocorreu em todos os anos.

Para abrigar as competições, foi erguido o Estádio Municipal Uruá. A inauguração aconteceu em 5 de setembro de 1977 com um jogo onde a equipe do América de Natal bateu o Canguaretama pelo placar mínimo.

Para a colocação dos refletores foi feita uma partida especial. Na preliminar ocorreu um jogo entre equipes de veteranos. No jogo principal a Sociedade Desportiva 16 de Julho enfrentou a equipe do Pensylvania Strikers, da cidade de Wilke-Barre, Estados Unidos.

Entre as conquistas Importantes o Canguaretama foi vice-campeão do *Matutão* de 1967 e 1968. Segundo contam, ocorreu uma contaminação alimentar na véspera do jogo. Já o América do Murim foi campeão do Copão Serrano de 1995, vencendo uma equipe de Várzea nas cobranças de pênaltis. O jogo ocorreu na cidade paraibana de Araruna. A Seleção Municipal de Canguaretama também foi campeã do Copão Serrano de 1997, vencendo a Seleção de Tangará (4x2).

HINO DE CANGUARETAMA[39]

Do heróico Cunhaú lembras os feitos
Da gente de Uruá és relicário
Do forte Tupã és o sacrário
Onde Araquém guardava seus preceitos
A tradição dos tempos tem passado
Para hoje em ti depositar
O afeto que aqui viemos cantar
Que fique para sempre relembrado

Canguaretama tu és querida
O nosso peito vibra de emoção
És o tesouro da nossa vida
É sempre teu o nosso coração

Hoje é dia de festa e alegria
Em ti nasce um novo horizonte
Louvemos cantando neste instante
Essa canção de fé e harmonia
Sobre a sombra de recordação
Sobre o sorriso de orgulho e alegria
Sim, bem certo que aqui e neste dia
Cantemos teu louvor nesta canção.

[39] Não se sabe ao certo o autor desse hino.

SOBRE O AUTOR

Francisco Alves Galvão Neto é Bacharel em Ciências Sociais e Pedagogo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Graduou-se em História pela Universidade Potiguar e Especializou-se em História do Campo e da Cidade pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Como professor leciona as disciplinas de História e Sociologia na rede pública.

Grangalvao2@bol.com.br

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Manuel Correia de. *A produção do espaço norte-rio-grandense*. Natal: UFRN, 1981.

ANDRADE, Manuel Correia de. *A Terra e o homem no Nordeste*. 5ed. São Paulo: Atlas, 1986.

AZEVEDO, Aluízio. *Cronologia do Rio Grande do Norte*: Cinco séculos de História. Natal: FJA, 1996.

BARRETO, José Jácome. *Canguaretama Centenária*. Natal: FJA, 1985.

CÂMARA, Anfilóquio. Cenários Municipais. Natal: DEIO, 1941.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Governo do Rio Grande do Norte*. Natal: Livraria Cosmopolita, 1989.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da República no Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: Edições do Val, 1965.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Nomes da Terra*: História, Geografia e Toponímia do Rio Grande do Norte. Natal: FJA, 1968.

CASCUDO Luís da Câmara. *História do Rio Grande do Norte*. 2. ed. Natal: FJA, 1984.

FAGUNDES, Antônio da Rocha. *Notas sobre Canguaretama*. [s.n.d.]

FAGUNDES, Emídio Fernandes da Rocha. *Notas Genealógicas da Família Fagundes no Rio Grande do Norte*. Natal: Imprensa oficial. 1932.

FERREIRA, Jurandyr Pires. *Enciclopédia dos Municípios* (XVII volume). Rio de Janeiro, 1960.

LIMA, Antenor E. de Oliveira. *A história de Araruna e Caiçara no estado da Paraíba e de seus familiares*. João Pessoa: UNIGRAF, 1988.

LIMA, Nestor dos Santos. *Municípios do Rio Grande do Norte*. Natal: Tipografia Santo Antônio, 1937. vol. 1.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. *O Engenho Cunhaú à Luz de um Inventário*. Natal: FJA, 1990.

MEDEIROS, Tarcísio. *Aspectos geopolíticos e antropológicos da história do Rio Grande do Norte*. Natal: Imprensa Universitária, 1973.

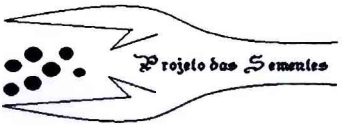
NOBRE, Manoel Ferreira. *Breve noticia sobre a província do Rio Grande do Norte*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pongetti, 1971.

PEREIRA, Monsenhor Francisco de Assis. *Protomártires do Brasil*. Natal: Clima, 1999.

SANTOS, Paulo Pereira dos. *Evolução econômica do Rio Grande do Norte*: século XVI ao século XX. Natal: Clima, 1994.

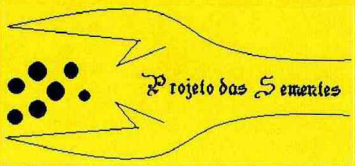
SIQUEIRA, Cleantho Homem de. *Guerreiros Potiguares*: O Rio Grande do Norte na Segunda Guerra Mundial. Natal: EDUFRN, 2001, p. 121.

TARGINO, Maria Luíza de Moraes. *De senhora de engenho a primeira dama*. João Pessoa: A União, 1995.



Canguaretama 2008

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida sem a permissão expressa do autor.
Artigo 184 do Código Penal e lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.



Canguaretama

1858-2008